

- Técnica Federal, mas base de apoio para outros estudantes.
- “Mas, como definir o indefinível...” *RIHGMT*, 1985.
 - “Cuiabá – São Benedito”. *RIHGMT*, 1978.
 - “A integridade da Imprensa (Divisão do Estado. *RIHGMT*, 1978.
 - “Caxias”. *RIHGMT*, 1981.
 - “A História é assim, se lhe interessa”. *RIHGMT*, 1983.
 - “À guisa de prefácio”. *RIHGMT*, 1984.
 - “Um busto para Rubens de Mendonça”. *RIHGMT*, 1984.
 - “Tentativa de diálogo, numa primeira entrevista”. *RIHGMT*, 1986.
 - “Quem viver verá...! *RIHGMT*, 1987.
 - “O tempo não apaga”. *RIHGMT*, 1987.
 - “Discurso na solenidade de comemoração do Centenário de Nascimento de Isác Póvoas”. *RIHGMT*, 1988.
 - “Uma estranha no Areão”. *RIHGMT*, 1989.

MARIANO AUGUSTO DE FIGUEIREDO

Luis-Philippe Pereira Leite

Mariano Augusto de Figueiredo veio de Cáceres para Cuiabá e descendia de numerosa família.

Exerceu o cargo de Delegado Fiscal, em Cuiabá, onde se casou com uma das filhas de Gabriel Novis Neves. Transferido para o Rio de Janeiro, ali terminou sua brilhante carreira junto ao Ministério da Fazenda.

[Este texto foi composto pelo Dr. Luis-Philippe, dias antes de ser internado no hospital, constituindo, portanto, uma de suas últimas produções]

MIGUEL CARMO DE OLIVEIRA MELO

João Alberto Novis Gomes Monteiro¹

Corria o ano de 1.877 quando, em Cuiabá, a 8 de maio, nasceu o último dos cinco filhos de João de Oliveira Melo e Maria Vila Forte Melo.

Jamais poderia continuar, esta história, sem abordar a heróica figura de João de Oliveira Melo - “o Bravo”- pai e modelador do caráter de nosso biografado.

¹ – O autor é sócio efetivo e membro do Conselho Fiscal do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, membro efetivo da Academia Mato-grossense de Letras, da qual é o atual presidente

Natural de Maceió, capital da então Província das Alagoas, onde nasceu a 5 de fevereiro de 1.836, dedicou-se à carreira das armas e, atingindo o posto de segundo-Tenente, foi transferido para o Corpo de Artilharia de Mato Grosso . Em 1.861 já servia no Forte de Coimbra, à margem do rio Paraguai, abaixo de Corumbá - sede do município a que pertence . Ali, em 1.854, viu-se envolvido na guerra contra o ditador Solano Lopes . Teve destacado papel nesta defesa de sua cidadela repelindo, por várias e sucessivas vezes, as ondas de assalto de um inimigo ao fim vitorioso pela grande superioridade numérica e de recursos bélicos . Retirando-se para Corumbá, a 2 de janeiro de 1.865 recusou-se a cumprir vergonhosa ordem superior - gerada pelo pânico diante da aproximação do invasor - de abandonar a cidade, sem esboçar qualquer reação . Foi um dos poucos oficiais de brio que, inconformados, não se atemorizaram com a rápida aproximação do usurpador . Assim, o tenente Melo, dispensando o transporte, a que como oficial teria direito, preferiu ser solidário com os civis e a tropa subalterna, deixados ao abandono . Num grande feito militar, mas gerado pelo seu sentimento de solidariedade humana, colocando-se à frente de quatrocentas pessoas, dentre as quais duzentas e trinta praças, conduziu-as a salvo, através do Pantanal bruto, numa sacrificada jornada de quatro meses em época chuvosa e a 30 de abril chegava à Capital, onde foi recebido como herói pelo povo e autoridades . Sua coluna não teve perdas, ao contrário, chegou acrescida pelos nascidos durante a retirada . Posteriormente, Melo ainda teve importante participação nesta mesma guerra, inclusive na retomada de Corumbá, quando foi comandante da 5a. Companhia do Batalhão de Antônio Maria Coelho . Pela sua exemplar conduta nestes episódios fez jus à alcunha de "Melo - o Bravo" . Pelo mesmo motivo temos, na zona central de Cuiabá, uma rua denominada "General Melo" . Depois do conflito, estabeleceu-se definitivamente nesta cidade, onde constituiu família . Morreu afogado, em um acidente no rio Cuiabá, na Usina Conceição, a 17 de abril de 1.899 . Contava, então, 63 anos e era General-de-Divisão reformado .

Como muitos defensores do Forte de Coimbra, Melo - o Bravo nutria especial devoção pela Santa Padroeira dessa fortificação - Nossa Senhora do Carmo -, daí a origem do nome dado ao seu caçula - Miguel Carmo - que, como cidadão, muito se destacou em sua profissão e nos campos político, administrativo e cultural .

Miguel Melo fez seu curso primário e o secundário em Cuiabá, sempre se distinguindo como bom aluno .

Em 1.897 partia de sua terra natal, enfrentando a longa viagem, via rio da Prata e subindo nosso litoral Sul, até o Rio de Janeiro, onde iria matricular-se na Escola Militar, talvez influenciado pelo belo exemplo paterno .

No ano seguinte, reconhecendo sua falta de vocação para a carreira das armas, desliga-se da Escola Militar da Praia Vermelha e passa a ter como objetivo a Escola Politécnica, onde ingressa em 1.899 . Iniciava, assim, um curso reputado, na época, como o mais difícil do país . Mas, como a vida é feita de momentos - uns felizes,

encontraste com outros de infelicidade -, para toldar sua alegria pela aprovação e início do curso, recebe, logo após, a triste notícia do falecimento do pai .

Foi um aluno brilhante! Quando cursava os dois últimos anos de engenharia, por nomeação, exerceu as funções de assistente da cátedra de Astronomia e Geodésica e, por impedimento do titular, durante este período, ministrou as aulas do currículo com evidente capacidade.

Formou-se engenheiro civil em 1.904, classificado como primeiro aluno da turma .

Pelo seu brilhantismo teve, como recompensa, um prêmio de viagem aos Estados Unidos, onde fez longo estágio de aperfeiçoamento . Retornando à Pátria, dedicou-se ao magistério e à profissão na qual se destacou como muito capaz, mesmo numa época em que cintilavam, no Rio de Janeiro, grandes astros da engenharia nacional como Pereira Passos, Sampaio Correia e outros notáveis . Porém, jamais escondeu seus dois maiores desejos : constituir família e retornar ao seu Mato Grosso, tão carente de engenheiros .

Casa-se com sua prima-irmã, Adelaide Vila Forte Melo, com quem teve dois filhos : Marina de Oliveira Melo e Miguel de Oliveira Melo .

Muito saudoso da terra natal, em 1.913 retorna a Cuiabá, onde, associando-se ao seu colega Alfredo Magalhães, passam a trabalhar sob o nome de “Magalhães e Melo”, em construções civis . Da Capital da República trouxe o seu entusiasmo, sua capacidade profissional, o amor à terra-berço e ... uma profunda mágoa: sua esposa não o acompanhou .

Como empreiteira do Estado, sua firma constrói o Palácio da Instrução, o Grupo Escolar Senador Azeredo e a ponte sobre o rio Coxipó-açu - no Distrito da Guia - em Cuiabá . Em Corumbá, instala o serviço de abastecimento de água da cidade .

Com o rápido desenvolvimento de Campo Grande, exigindo sua constante presença à frente das obras ali contratadas por sua empreiteira, em 1.916 Miguel Melo muda-se para aquela cidade sulina .

No governo do presidente General Caetano de Albuquerque, retorna a Cuiabá para exercer as funções de Chefe de Polícia e, posteriormente, de Secretário de Agricultura do Estado. Em 1.917, com a intervenção federal, após o impedimento do general-presidente a que servia, volta a Campo Grande e à administração de sua empresa.

Em 1.918, no governo de D. Aquino Corrêa, foi para Corumbá, como fiscal das obras do prédio do Grupo Escolar Luís de Albuquerque e, ao mesmo tempo, das minas do Urucum .

Em 1.919, participa da demarcação dos ervais da fronteira com o Paraguai .

Retorna a Campo Grande, em 1.920, onde exerceu as funções de Engenheiro da Prefeitura Municipal .

Durante a revolução de Isidoro Dias Lopes e a invasão do território mato-grossense pela Coluna Prestes (1.925-1.926), foi incumbido, por nomeação do general Malan, então comandante da Circunscrição Militar, de organizar e chefiar as forças patrióticas incumbidas de dar combate ao invasor . Mas as qualidades militares do pai não se transmitiram geneticamente ao filho que não teve sucesso como soldado . Melo,

desta vez, se confirmava vocacionalmente como civil preparado para brilhar em sua profissão de engenheiro e na vida pública. Contudo, não sendo omisso ou covarde, em 1.932 volta a participar de um movimento armado, abraçando a causa da legalidade

Sua atuação política foi marcante : vereador por Cuiabá e por Campo Grande - nestas duas ocasiões ocupando a presidência da Câmara - , Intendente de Campo Grande ; deputado estadual em várias legislaturas e deputado federal, eleito como classista na qualidade de representante da Associação de Imprensa de Mato Grosso .

Volta a ocupar a Secretaria de Agricultura do Estado em 1.936, no segundo governo de Mário Corrêa .

De 1.947 a 1.951, com Arnaldo Estevão de Figueiredo como governador, foi diretor da Comissão de Estradas de Rodagem de Mato Grosso .

Como jornalista, além de redator do “Correio Mato-grossense”, colaborou com vários outros jornais do Estado .

Deixou inacabada a biografia do seu pai a qual, nos seus últimos dias, se dedicava com amor e zelo .

Foi um dos fundadores da Associação Mato-grossense de Imprensa e um dos primeiros sócios efetivos do Instituto Histórico de Mato Grosso - mais tarde Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso -, que, desde a sua fundação, se apresenta como o maior guardião da Memória mato-grossense .

Quando, a 7 de setembro de 1.932, o Centro Mato-grossense de Letras passou à denominação de Academia Mato-grossense de Letras com a devida reestruturação e o aumento do número de suas Cadeiras, a Miguel Melo foi destinada, pelos luminares da intelectualidade da época, a Cadeira de número 3, que tem o patrocínio de Ricardo Franco de Almeida Serra . Por uma curiosa coincidência, esta Cadeira, desde o seu Patrono, vem sendo ocupada por alguém que teve ligação com o Forte de Coimbra ou com Corumbá - o município onde ele se situa -, vejamos : Patrono, Ricardo Franco de Almeida Serra, heróico defensor do Forte ; fundador e primeiro ocupante, Miguel Carmo de Oliveira Melo, filho de outro valoroso combatente na defesa daquela praça de guerra ; segundo ocupante, Lécio Gomes de Souza, general-médico que serviu, por longos anos, na 2a. Brigada Mista, em Corumbá, à qual pertence aquela fortificação ; terceiro ocupante, Rubens Mendes de Castro, notável poeta por muitos anos residente na “Cidade Branca” .

O dr. Melo só não era um solitário porque sua casa vivia cheia de amigos . Por duas vezes preparou sua morada para receber a esposa, que jamais cumpriu a promessa de acompanhá-lo a Mato Grosso. Restou-lhe a companhia dedicada da “Dona Bem”, serviçal que o cuidava com verdadeira devoção e estava sempre pronta para o preparo de recepções a amigos e convidados do patrão .

Inteligente, rápido de raciocínio, culto, prestativo e ponderado, via respeitados os seus conselhos e opiniões nas esferas política, administrativa e profissional . Entrevistei várias pessoas que com ele tiveram contato socialmente mais efetivo : afilhados, amigos e ex-funcionários da extinta Comissão de Estradas de Rodagem ;

destes, ouvi uma opinião unânime : *O dr. Melo foi um chefe de exemplar conduta .* Importante colaboração me foi trazida pela sra. Alaíde Prado, afillhada do biografado e filha de Álvaro Duarte Monteiro, seu amigo e contador por muitos anos .

Das várias citações de Miguel Melo, em momentos difíceis, os amigos se lembraram: *Não há situação desesperadora ... há desesperados* e “Vamos esfriar a cabeça, parar para pensar e tudo se resolverá com eficiente clareza .”

Amava seu viver e, já idoso, costumava dizer : *Só uma frustração levo da vida : o não poder viver mais vinte anos . Gostaria de ver todas as evoluções pelas quais o mundo vai passar.*

Todos os que com ele conviveram sentem saudades da sua agradável e fortificante companhia .

Dos seus negócios particulares, como mostra de seu amor pela Natureza, possuía duas chácaras : uma era a estância leiteira denominada “Retiro” e outra, recreativa - antiga chácara do Gardés, onde mais tarde foi a “Boite Sayonara” -, ambas no Coxipó . Lembro-me de que veio da ua “Retiro”, por muito tempo, na minha infância, o fornecimento de leite para nossa casa .

Miguel Carmo de Oliveira Melo faleceu, na mesma terra que o viu nascer, em setembro de 1.961, aos oitenta e quatro anos de idade .

Agora, quando das comemorações dos 80 anos do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, lembramos seus fundadores e primeiros sócios, sou grato ao dr. Melo por ter deixado, com seu viver neste mundo, motivo para reescrever - já o havia feito há cinco anos - esta inspirada página, numa época tão carente de bons exemplos

NILO PÓVOAS

Lenine C. Póvoas

Nascido em Cuiabá, a 2 de outubro de 1891, filho de Pedro Fernandes Póvoas (veterano da Guerra do Paraguai), e de D. Galdina Virgínio Póvoas.

Realizou seus estudos secundários no Colégio Salesiano São Gonçalo. Foi, durante muitos anos, advogado provisionado em Mato Grosso. Decidindo-se, depois, pelo magistério, foi Professor Catedrático por concurso da Escola Normal Pedro Celestino e do Liceu Cuiabano.

No período de 1938 a 1946, foi professor em colégio particulares no Rio de Janeiro, notadamente o Anglo-Americano, o Andrews, o Santo Antônio Maria Zacarias e o Cardeal Arco-Verde.

Jornalista, fundou três jornais em Mato Grosso e, como filólogo, adquiriu renome que o tornou conhecido no Rio de Janeiro, em virtude dos contatos que mantinha na Federação das Academias de Letras do Brasil, onde representou a Academia Mato-Grossense de Letras durante oito anos.